

Mais que um bonde, uma família: grupos de risco, EJA e identidades juvenis

8

More than a “bonde”, a family:
risk groups, eja and young people’s identities

Nilda Stecanela*
Paola Monteiro de Barros**

Resumo: Este texto apresenta resultados de pesquisa sobre grupos de risco, educação de jovens e adultos (EJA) e identidades juvenis. Objetiva produzir uma narrativa sobre a possível relação entre a inclusão precária, a violência e a pressão do cotidiano com a participação de jovens da EJA em grupos juvenis denominados *bondes*. O substrato empírico compõe-se de registros etnográficos do cotidiano juvenil em ambiente escolar e, de modo especial, considera as narrativas de quatro jovens matriculados na modalidade EJA de uma escola da rede pública municipal de Caxias do Sul. Através da voz dos jovens da EJA e participantes dos *bondes*, procura compreender as interfaces desta modalidade de ensino com as culturas juvenis. Descreve percursos, sonhos e frustrações presentes nas narrativas dos entrevistados, oportunizadas por meio de entrevistas em profundidade. Os referenciais teóricos para as reflexões construídas buscam sustentação em: Miriam Abramovay, Glória Diógenes, Nilda Stecanela, Alberto Melucci, Juarez Dayrel, entre outros.

Palavras-chave: Bondes. Grupos de risco. EJA. Identidades juvenis.

Abstract: This text presents results of a piece of research about risk groups, education for adults and young people (EJA), and young people’s identities. Its aim is to produce a report about the possible relationship among precarious inclusion, violence, and everyday pressure, with participation of young people belonging to EJA, who are part of youth groups called

* Doutora em Educação. Docente no PPGEDU da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Professora na Rede Municipal de Ensino (RME) de Caxias do Sul. Coordenadora do Observatório de Educação da UCS. *E-mail:* nildastecanela@terra.com.br

** Especialista em Educação de Jovens e Adultos. Professora na EMEF São Vitor. Membro do Conselho Municipal de Educação de Caxias do Sul, RS. *E-mail:* pa-barros@hotmail.com

bondes. The empirical substract is composed of ethnographic recordings of young people's everyday life at school, particularly considering four young people's (who are regular students at a municipal public school ,EJA modality, in Caxias do Sul) narratives. Through the voice of EJA students, who participate of the so called *bondes*, there is an attempt of understanding the interfaces of this teaching modality with young people's culture. There is also a description of routes, dreams, and frustrations which appear in interviewees' narratives, obtained by in depth interviews. Theoretical references used to achieve the reflections built are based on: Miriam Abramovay, Glória Diógenes, Nilda Stecanela, Alberto Melucci, Juarez Dayrel, among others.

Keywords: Bondes. Risk groups. EJA. Young people's identities.

Introdução

Este texto apresenta os caminhos e os resultados de pesquisa desenvolvida como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Universidade de Caxias do Sul (UCS), no âmbito do Projeto “Ler e escrever o mundo: EJA no contexto da educação contemporânea”, oportunizado através de convênio firmado entre a UCS e o Ministério da Educação, em parceria com a Prefeitura Municipal de Educação de Caxias do Sul.

A pesquisa é desenvolvida com jovens participantes da EJA e dos grupos juvenis denominados *bondes*.¹ O cenário da pesquisa considerou o espaço de uma escola da rede pública municipal de Caxias do Sul/RS e o seu entorno, envolvendo observação participante com registros etnográficos, acrescidos de narrativas produzidas em entrevistas em profundidade.

A experiência das autoras (especializanda e orientadora) com a educação na periferia da cidade, em escolas localizadas em regiões de alta vulnerabilidade social, observando direta ou indiretamente os contextos da EJA, procedendo com a escuta dos jovens que procuram

¹ *Bondes* são grupos de jovens que reúnem-se em alguns bairros da periferia de Caxias do Sul. Caracterizam-se por andar em grande número, muitas vezes uniformizados, possuem nomes e siglas, as quais são pichadas para marcar território. Assemelham-se, de certa forma, com as gangues e galeras de outros estados. Ao longo do texto as dinâmicas dos *bondes* serão desenvolvidas com mais profundidade.

esta modalidade de ensino, após terem experimentado o fracasso escolar, desafia a conhecer os sentidos atribuídos por eles à participação em grupos de risco, a exemplo dos *bondes*.

A partir das indagações que orientaram a pesquisa, procedeu-se com a identificação das significações que a experiência construída em grupos de risco assumem nos percursos destes jovens, bem como as influências desta participação nas formas de viverem a juventude. Uma postura de não julgamento foi adotada de modo a garantir um relativo distanciamento das imagens negativas construídas sobre os *bondes*, tendo em vista vários eventos de violência protagonizados nas ruas da cidade, no dia primeiro de maio de 2013,² dia de passe livre no transporte público e, portanto, de intensa circulação da população da periferia.

Entre as hipóteses formuladas previamente, esteve a suposição de que os alunos da EJA, que participam dos *bondes*, utilizam a violência, não somente para a construção de sua identidade individual e coletiva mas, também, na afirmação de uma imagem de poder vinculada ao seu uso, como forma de confrontar, por meio dela, o estigma social e desafiar a ordem estabelecida no espaço urbano.

O trabalho de campo foi desenvolvido em aproximadamente doze meses, nos anos de 2012 e 2013, cujos registros das observações cotidianas, observação das notícias veiculadas na imprensa local e das narrativas de quatro jovens participantes de *bondes*, foram digitados em diário de campo, em formato contemporâneo, e arquivados em documentos do Word.

As entrevistas foram realizadas no espaço da escola, no contraturno das aulas; orientaram-se por um instrumento semiestruturado, o qual teve como objetivo penetrar no universo simbólico destes jovens, buscando compreender aspectos relacionados sobre os sentidos atribuídos por eles à juventude, relacionando-os com as trajetórias escolares e com as vivências nos *bondes*.

Para esclarecimento e aprofundamento da análise, foi feito um glossário com as expressões utilizadas pelos jovens, respeitando o falar nativo e a simbologia das suas narrativas, cujas traduções estão inseridas

² Para saber mais, consultar <pioneiro.clicrbs.com.br/rs/noticia/2013/05/bondes-agridem-ameaçam-e-provocam-ameaças>. Acesso em: 15 out. 2013 e <pioneiro.clicrbs.com.br/rs/noticia/2013/10/força-tarefa-contra-bondes>. Acesso em: 15 out. 2013.

em notas de rodapé. Os jovens foram codificados pela letra E, seguida de um número, de um a quatro. As narrativas são inseridas em itálico e entre aspas no corpo do texto e, somente em itálico quando em recuo.

Três categorias analíticas emergiram no trabalho de campo e foram destacadas para observar os ecos do objeto de estudo – violência, inclusão precária e pressão do cotidiano³ – às quais transversalizam as trajetórias dos jovens dos *bondes*, conferindo uma possibilidade de acesso à situação juvenil.

1 A constituição da juventude num mundo desigual

Caxias do Sul é uma cidade em pleno desenvolvimento econômico inserida num cenário nacional, cuja economia mostra-se em ascensão nos últimos anos sem, contudo, refletir a mesma proporção no que diz respeito à diminuição das desigualdades sociais entre as diferentes classes. Observa-se a globalização do acesso aos meios de comunicação e, juntamente com ela, os apelos ao consumo, fazendo funcionar as engrenagens capitalistas. No entanto, as oportunidades de acesso real aos bens de consumo continuam precárias e desiguais. Abramovay salienta que

[...] o incremento da riqueza e da pobreza, resultante das novas modalidades de crescimento econômico, estaria gerando e consolidando a exclusão e a vulnerabilidade de vastos setores da população que, seriamente ameaçados pela miséria, estariam encontrando no crime e na violência seus mecanismos de subsistência. (ABRAMOVAY, 2004, p. 14).

A sociedade atual centralizou no consumo de objetos as relações sociais, tornando-as cada vez mais frágeis e superficiais, centradas na espetacularização dos produtos do consumo. A sociedade capitalista, segundo Debord, pauta suas relações na exposição das imagens, levando o espetáculo – seja ele da violência, do consumo ou da aparência – ao foco principal do cotidiano. Assim,

³ Os conceitos de violência, inclusão precária e pressão do cotidiano são desenvolvidos respectivamente por Abramovay (2010); Stecanela (2010a) e Martins (2010), respectivamente, e serão apresentados no texto em diálogo com as narrativas dos jovens entrevistados.

na forma do indispensável adorno dos objetos hoje produzidos, na forma da exposição geral da racionalidade do sistema, e na forma de setor econômico avançado que modela diretamente uma multidão crescente de imagens-objetos, o espetáculo é a *principal produção* da sociedade atual. (DEBORD, 2003, art. 15).

A partir de formulações artificiais que a sociedade de consumo preconiza, a constituição da experiência pelos jovens acaba deparando-se com um campo amplo de possibilidades vazias, desprovidas de uma base temporal consistente, que lhes permita atribuir significados de passagem. A fala do jovem E.1 expressa este contexto: “[...] *tem que viver o hoje. Todo mundo tem uma história. E todo mundo morre. Eu vou morrer um dia, né? Se me matarem, tão antecipando a minha hora*”. Impressiona a falta de perspectivas em relação a um tempo futuro mais alargado e na identificação com aspectos de uma história recente. Melluci (1996, p. 6) aponta para este vazio temporal, no campo das experiências, ao dizer que “presenças como a capacidade de atribuir sentido às próprias ações e de povoar o horizonte temporal com conexões entre tempos e planos de experiências diferentes, são frágeis e pouco sólidas”. O autor complementa afirmando que é “exatamente ali onde a abundância, a plenitude e capacidade de realização parecem reinar, nós nos deparamos com o vazio, a repetição e a perda do senso de realidade”. (p. 6). Um paradoxo se mostra, simultaneamente, como um tempo de possibilidades excessivas que se converte numa possibilidade sem tempo. No dizer de Melluci (1996, p. 6), o tempo pode se tornar um invólucro vazio, “é simplesmente um mero fantasma da duração, uma chance fantasma”. (p. 6).

Esses aspectos fazem parte de uma organização global que legitimou comportamentos individuais egoístas, em busca de uma identidade baseada no consumo. Segundo Bauman, as estruturas sólidas, que antes cerceavam a liberdade do indivíduo, extremaram-se de modo que os

[...] sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro. (BAUMAN, 2001, p. 14).

A crise global se reflete na crise de instituições como a família, a escola, a comunidade, responsáveis pela socialização dos jovens. (ABRAMOVAY, 2004). Assim, se antes essas instituições eram referências para os jovens, hoje acabaram por tornar-se um mundo em separado, numa quase negação do que é o mundo “lá fora” no qual vivem os jovens. A fala do aluno da EJA E 2 revela a sensação de desconexão entre as trajetórias escolas e suas trajetórias de vida:

[...] é que a escola é um mundo à parte. Lá fora o bicho pega. Tem treta⁴ todo dia, tem corre⁵ pra fazer, tem o trampo.⁶ A família. O bonde. A escola é outro mundo, é outra coisa. Às vezes o cara vem e tá com a cabeça tão cheia que não consegue nem ouvir nada que a professora diz. O corpo tá na aula, a cabeça tá lá fora, quando sair, tem tudo pra resolver. (E 2).

Travando a batalha entre o mundo lá de fora e o mundo da escola e, ainda, entre o mundo que se pretende construir como experiência para a juventude, os jovens acabam incluídos precariamente nos contextos de consumo. Associado ao consumo de bens está, também, o consumo de símbolos que participam da construção das identidades juvenis como, por exemplo, o respeito diante do outro, o direito de escolha, de uma vida digna que os proteja dos riscos lá de fora, mas que, muitas vezes, estão dentro de casa.

[...] o negócio é que o cara é respeitado. Os piá são tri parceria, chamam até pra entrar na casa deles e tomar café. O respeito... Em casa às vezes não tem respeito. O padrasto bate, bebe, e a mãe defende o padrasto, essas coisas. Daí a gente anda com o bonde, e tem respeito. (E 1).

Participar do *bonde* possibilita usufruir de um direito essencial representado pelo respeito, pelo atendimento às necessidades de proteção: contra a violência de um padrasto alcoólatra; do carinho da parte materna; de uma “parceria” que a própria família não preenche.

⁴ *Treta* é utilizada nas linguagens, no interior do bonde, como sinônimo de *confusão*.

⁵ *Corre* significa ter muitas *coisas para fazer*.

⁶ *Trampo* é uma palavra utilizada para referir *trabalho*.

É que é bom ter respeito, ser respeitado. Meu pai morreu eu tinha dois anos, meu padrasto sempre bateu em mim, na mãe, tentou matar meu irmão mais novo. No bonde eu sou respeitado. No bairro eu sou respeitado. E respeito todo mundo também. Respeito a senhora [diretora], as professoras. (E 4).

A reciprocidade, indicada na narrativa anterior, indica que quando se é respeitado também se exerce o respeito, no caso, com as pessoas da escola, um espaço público onde a demonstração de respeito atinge um aspecto amplo, institucional. Muitas vezes a falta de respeito sofrida pelos jovens da periferia expressa-se na negação do seu direito de manifestar-se contra as agressões diárias, na sujeição ao estigma de vítima, na recidiva de violência a que são expostos. Assim, a questão do binário *respeitar e ser respeitado* torna-se uma conquista, uma luta de reivindicação de um direito que deveria estar assegurado a todos os jovens da periferia das cidades e, em especial, aos que este estudo se refere.

2 Os *Bondes* e as identidades juvenis

Ao adentrar na especificidade da constituição de grupos juvenis designados por *bondes*, é preciso refletir acerca do que é ser jovem em centros urbanos e das múltiplas juventudes que compõem esta categoria social, pois as desigualdades sociais potencializam a afirmação identitária pelas rotas do desvio.

A dimensão que os “bondes” de Caxias do Sul assumiram, após espetacularização de cenas de violência, por exemplo, no primeiro de maio de 2013, conferem uma representação de que a cidade fica amedrontada com a ação dos bondes. No entanto, tomadas as proporções, talvez não mais do que 300 componentes façam parte de grupos juvenis semelhantes aos *bondes*, num universo de mais de 100 mil jovens situados entre os 14 e os 25 anos. A questão é pontual e merece ser observada, levando em conta que esses grupos se afirmam “pelo tormentoso campo da violência e da liminaridade, independentemente das peculiaridades locais e das diferenças”. (SOARES apud ABRAMOVAY, 2010, p. 11). Dizendo de outro modo, esses grupos integram vozes locais como ecos de problemas globais que atingem a juventude contemporânea.

Deste modo, alguns jovens da periferia invisibilizados pela cena urbana e alijados da possibilidade de viverem uma juventude plena, buscam fama, proteção, identidade e poder por rotas alternativas. (ABRAMOVAY, 2010). Através de suas manifestações culturais, seja pela arte, seja pela violência, eles requisitam seu espaço, se organizam em torno de siglas e constituem pertencimento em grupos juvenis, ainda que transgressores, como são os *bondes* da cidade de Caxias do Sul. Um dos entrevistados traz na sua narrativa os motivos para fazer parte do *bonde*:

[...] meu bonde é o ATMS, meu irmão quem puxou⁷ o bonde primeiro, agora ele saiu e eu tô na diretoria. Todo mundo me conhece, me respeita. Meus piá tem que tá comigo. É a minha família. A gente se junta nuns trinta piá e apavora no centro. Neguinho treme quando vê nós. A gente pichou ATMS por tudo. O bairro é nosso. (E 3).

Percebe-se o foco que o jovem dá à fama que conquista através da imposição do medo, ao respeito através da ameaça ao outro, mesmo que esse outro seja também jovem. A palavra *respeito* foi citada pelos jovens entrevistados inúmeras vezes, assumindo múltiplos sentidos, os quais parecem misturar a necessidade de causar medo como forma de defesa, de não serem atingidos pelos outros, depositando nesses *outros* suas decepções e frustrações com a família e a sociedade excludente, na qual estão inseridos, comunicando a necessidade de proteção e de reconhecimento.

O respeito referido em várias narrativas pode estar associado à necessidade de reconhecimento desenvolvida por Stecanela e Craidy (2012), com base na teoria de Honeth (2009). Segundo a teoria do reconhecimento de Honeth, os indivíduos constituem suas identidades por meio de um reconhecimento subjetivo baseado em três experiências: do amor, do direito e da solidariedade. O desrespeito a qualquer uma destas experiências “produz o não reconhecimento e desestabiliza os processos identitários em construção, gerando conflitos sociais que afetam a forma como cada um se vê, como percebe o outro e como é percebido pelo outro”. (STECANELA; CRAIDY, 2012, p. 316). Compreende-se aqui

⁷ *Puxou* é expressão utilizada com sentido de *iniciou*.

que as construções destes jovens pautam-se no desrespeito destas experiências, trazendo como fator relevante a luta por reconhecimento, o que fica exaltado nas narrativas recorrentes sobre o respeito.

A frase destacada no título deste texto – “mais que um *bonde*, uma família” – tem inspiração nas indumentárias usadas pelos membros de um *bonde* da cidade de Caxias do Sul, o VLS – sigla usada para Vândalos – consideradas como uniformes para circulação no centro da cidade. A este respeito, um dos entrevistados coloca:

A gente mora no mesmo bairro, é tudo vizinho, minha mãe estuda na escola, não dá pra ficar se ameaçando dentro do bairro, nem na escola. Se brigar é foda, porque se cruza direto na rua. Os piá usam o moleton, daí todo mundo sabe que é do bonde, se quiser brigam no centro. (E 2).

O uso de um uniforme reforça a necessidade de criar um ponto de identificação para o grupo frente aos demais grupos, levando o nome do *bonde* e do bairro onde moram, transferindo as brigas para o centro da cidade, considerado palco maior onde se encontram e mensuram sua força perante outros *bondes*.

Referindo Bauman (2009), acrescenta-se que “as cidades contemporâneas são campos de batalha nos quais os poderes globais e os sentidos e identidades tenazmente locais se encontram, se confrontam e lutam, tentando chegar a uma solução satisfatória [...]”. O autor refere que “é esse confronto geral que aciona e orienta a dinâmica da cidade na modernidade líquida – de todas as cidades, sem sombra de dúvida, embora não de todas elas no mesmo grau”. (BAUMAN, 2009, p. 35). Deste modo, a atenção se volta para meninos e meninas andando em grupos pela cidade, suas características físicas, roupas e acessórios, a forma como caminham, se relacionam e conversam, percebendo os símbolos que ostentam e que aparentemente lhes garantem o pertencimento à categoria global juventude. Na periferia das cidades, tendo como palco a escola, em específico a EJA, é possível observar mais atentamente a batalha assinalada por Bauman entre o global e o local, da qual participam os jovens, percebendo detalhes específicos de comportamento e formas de reinvenção da juventude, que os diferentes grupos que ali frequentam procuram protagonizar.

Alterando um pouco o viés marginal que pesa sobre os grupos juvenis, cabe situar que a violência e a transgressão não são as únicas ações dos

bondes, os quais transitam também por outras experiências: “*A gente se apoia e se protege, anda junto, é que nem família.*”(E 1). O jovem E 4 corrobora com essa ideia ao afirmar que

é foda quando tem preconceito. Eu sou tranquilo, não sou violento, não brigo na escola, não sou má companhia. Só no fim de semana eu saio com o bonde. Trabalho e estudo a semana toda e no domingo quero relaxar, dar um rolê⁸ com o bonde, com os amigos. (E 4).

Outra narrativa advinda das entrevistas vem reforçar essa possibilidade: “[...] *a gente fez o bonde [só de meninas] só pra reunir as amigas. É o mesmo que uma turma. A gente não briga, não faz pichação. É que é legal umas 12 gurias reunidas, é só pela amizade.*” Essa declaração, originada num jogo de futsal feminino, demonstra que o *bonde* vai sendo reinventado conforme as necessidades específicas da cada grupo de jovens dentro do mesmo espaço, o bairro. Sem a pretensão de medir forças ou buscar um respeito paternalista dentro de uma sociedade cada vez mais violenta, as meninas aproveitam o grupo para fortalecer suas identidades, dentro de um bairro marcado pela força dos *bondes*, majoritariamente compostos por meninos, criando também seu grupo. Cabe destacar aqui que o *bonde* das meninas, o BNT – Bonde das Novinhas Taradas – faz alusão à letra de uma música de *funk*, frequenta o bairro, as festas, mas se fortalece principalmente na participação e no destaque nas competições dos Jogos Escolares de Caxias do Sul.

Ao caminhar pelo centro da cidade, ou ainda pelos bairros da periferia, é impossível não perceber as inúmeras pichações que cobrem muros e paredes de casas, prédios, construções, postos de saúde, escolas e inúmeros outros equipamentos públicos. A maioria destas pichações, espalhadas pela cidade, são compostas por letras características que representam nomes ou siglas dos *bondes*. Segundo um dos jovens entrevistados, a pichação “[...] *é sempre uma disputa de território. A gente picha é pra marcar território. Vai lá, picha o lugar com a teg⁹ do bonde.*

⁸ *Rolé* empregado com significado de *passoio*.

⁹ *Teg* representa a letra característica das pichações.

Marca território mesmo”. (E 4). A questão da territorialidade tem a ver diretamente com a construção da identidade, numa busca de pertencimento a um lugar, uma história, na busca de vínculos que os identifiquem e, portanto, os diferenciem dos demais.

Os *bondes* são grupos de jovens presentes em alguns bairros da periferia de Caxias do Sul. Têm funcionamento próprio, regras de conduta, rituais de entrada e saída. Stecanela (2010a, p. 106), ao referir as “gurizadas de esquina” identificadas como grupos juvenis num bairro de Caxias do Sul, destaca que “[...] as culturas juvenis não são anômicas. Ao contrário, apesar da informalidade, os jovens definem normas de convívio, constroem regras e códigos de conduta a serem seguidos no grupo”. Embora essas construções formais sejam muitas vezes contraditórias, elas refletem uma tentativa de organização, de rotina, trazendo uma certa segurança advinda do saber o que fazer, para onde ir, quando fazer e quando ir, estrutura próxima, ainda que caricatural, das instituições sociais que falharam (ou faliram) como, por exemplo, a escola e a família. Na descrição de E 2:

Pra entrar no bonde, ou tem que pichar um picho irado ou tem que apanhar de todo mundo. Tem que ser menor de idade, com 18 anos tem que sair. Tem que ser convidado. A gente não anda com torcida organizada, que bate em todo mundo e isso não é bom. Se tem briga, tem que comparecer, se é só pra dar um rolê, até não precisa ir, mas pra brigar, tem que dar força. Se a galera tá no ônibus, a gente faz zoeira, faz catraia, mas tem que respeitar os velhinho e as mães com criança no colo, que daí não era sacanear. Durante a semana, a gente quase não junta o bonde, mas no domingo tem que representar; então todo mundo se reúne e vai pro centro, ou pro parque. Se quiser sair do bonde, é só dar um papo com a gurizada. Às vezes a mãe entra até em depressão, daí tem que sair. Daí é só largar um picho da teg do bonde num picho bem irado, em agradecimento e respeito aos manos que ficaram do lado no bonde. (E 2).

Os *bondes* utilizam também a internet, por meio das redes sociais, para divulgar fotos e filmagens de suas reuniões e ações, demonstrando assim a disputa e dominação de territórios entre *bondes* inimigos e, principalmente, a violência como uma forma de poder. Para estes jovens da periferia marcados por percursos de inclusão precária, os *bondes* passam a ser uma família e uma possibilidade de constituir-se como jovem. A inclusão precária, tema abordado por Martins e desenvolvido

por Stecanela (2010a), traz à tona a realidade de desigualdades que afetam os jovens deste estudo: “A nova desigualdade se caracteriza por criar uma sociedade dupla, formada por dois mundos que, ao mesmo tempo em que se excluem reciprocamente, apresentam similaridades.” Martins (2003, p. 21) esclarece: “O que diferencia esses dois mundos são as oportunidades completamente desiguais.” Para Stecanela (2010a, p. 68), “[...] a inclusão precária não constitui uma política de exclusão. Ela é implementada pelo modelo de desenvolvimento presente na sociedade brasileira em favor da reprodução de capital. Através dela as pessoas são incluídas nos processos de consumo (material e simbólico), na produção e na circulação de bens e serviços”.

Participar do *bonde* configura uma possibilidade de refabricar os modos de ser jovem, utilizando os bens materiais e simbólicos de que dispõe a periferia. A expressividade dos *bondes* de Caxias do Sul ocorre, na maioria das vezes: pelo andar em um grande número de jovens, circulando em lugares centrais, nos quais chamam muito a atenção, por terem o mesmo estilo de roupas, por carregarem os mesmos símbolos: bonés, moletons, calças largas, fones de ouvido. Questão fundamental para a compreensão do *bonde* como possibilidade de vivenciar a juventude é o “correr risco” e “a adrenalina”, os quais acompanham as ações dos grupos associadas às práticas de violência.

Abramovay (2010, p. 48) cita Breton, que nos diz que “o risco, quando é escolhido em uma atividade de diversão ou desafio pessoal, torna-se uma espécie de reserva no qual se buscam sentidos, refazendo-se o gosto de viver ou buscando aquele gosto que se perdeu”. Muitas vezes esses jovens não praticam atos de violência, mas experienciam seus limites e a transgressão deles no fato de estarem testando os guardas municipais, ao frequentarem espaços onde não são bem-vistos, a exemplo dos centros comerciais e parques frequentados pelas classes mais abastadas da cidade. Segundo Melucci,

na experiência dos adolescentes de hoje, a necessidade de testar limites tornou-se uma condição de sobrevivência do sentido. Sem atingir-se o limite não pode haver experiência ou comunicação; sem a consciência da perda da existência do outro, como dimensões que compõem o estar-na-terra, não pode haver ação dotada de significado ou possibilidade de manter uma relação com outros. (1996, p. 10).

Os *bondes* ganham destaque pelas ações negativas que cometem, nas brigas entre *bondes* rivais e no enfrentamento dos limites impostos pela organização urbana: “[...] é foda apanhar da polícia. Às vezes a gente nem tá fazendo nada e eles vêm. E sempre dão chute, cachorream... e é sempre no centro, ou quando a gente tá saindo. No bairro é difícil levar atraque”. (E 1). Essas ações de violência acabam sendo combatidas com ações de maior violência por parte das instituições que teriam como responsabilidade proteger esses jovens. Para o jovem E 3:

Agora tá complicado de andar em bonde. Tão dando atraque¹⁰ direto no busão,¹¹ no centro. Tá foda... parece que se juntaram todos os grandão pau no cú pra perseguir a gente, é smurf,¹² é capa preta,¹³ é porco¹⁴... Vai dar uma acalmada agora pra não torrar na de ninguém, mas depois a negada volta. Agora tamo andando só de mulão.¹⁵ As coisas acabaram piorando aqui no bairro, porque as tretas tão na função do pessoal lá de baixo [traficantes]. Daí, pra andar no bairro agora só de mulão. Busca as parceria em casa, resolve as tretas e leva em casa. Tudo de mulão pra se proteger. Meu pai sabe que é assim, e não tem outro jeito. (E 3).

Observa-se a ineficiência da coerção descolada de um projeto de ações alternativas para estes jovens. Temporariamente, esses atos de violência passam a não ser mais presenciados no centro da cidade, ficando invisíveis aos olhos da ordem pública; contudo, continuam se desenrolando de maneira cruel nos bairros da periferia, sem a sinalização de uma possível solução para coibir a gênese da violência a que estes jovens são submetidos, em seus percursos de socialização e que multiplicam em seus processos de identificação.

3 Identidades juvenis, os *bondes* e a EJA

Um fato a ser analisado é como esses processos vêm se desenhando na educação. Fatores externos se refletem nas escolas, endossando a exclusão dos jovens do sistema de ensino regular, sublinhando suas

¹⁰ *Atraque* é um palavra usada para abordagem e revista policial.

¹¹ *Busão* é sinônimo de ônibus.

¹² *Smurf* é a denominação que os *bondes* usam para referirem a guarda municipal.

¹³ *Capa preta* são os juizes ou delegados.

¹⁴ *Porco* é a forma que referem a Brigada Militar.

¹⁵ *Mulão* é um grupo de jovens aglomerados.

trajetórias pelo fracasso escolar, forçando-os à busca de alternativas de retorno com o ingresso em outras modalidades de ensino, como a EJA. O jovem entrevistado E 4 coloca seu desconforto de estar no ensino regular: “[...] *repeti de ano quatro vezes. Já era colega do meu primo mais novo. Eu não aguentava mais as professoras, nem elas me aguentavam mais. Eu só queria fazer 15 anos pra poder ir pra EJA.*” (E 2). A EJA situa-se assim como um destino que é antecedido pelo desconforto de ser repetente, mediado pela vontade de desistir de estudar, superado pela possibilidade de continuar os estudos em outra modalidade que respeite as especificidades do seu público.

Grande parte desses jovens que participam dos *bondes* está dentro das escolas, principalmente na modalidade EJA, trazendo na sua história uma trajetória de fracasso escolar, sendo vítimas de um processo de *inclusão precária* na sociedade. (MARTINS, 2003). As relações com o mundo-escola são as mais diversas. Nas falas dos jovens percebe-se que estudar tem uma importância reconhecida; entretanto, a escola é uma instituição que pouco representa para eles frente aos *bondes*: “[...] *a escola não tem nada a ver. Tem que estudar, né? Agora, ou depois, todo mundo sabe que vai ter que estudar. Mas agora o bonde é mais importante, pelo menos no fim de semana.*” (E 4).

A escola é também palco social para estes jovens, principalmente local para se encontrar e combinar os eventos do cotidiano do *bonde*: “*A gente trabalha o dia todo, daí tem que resolver as coisas de noite, que a gente tá na escola e se encontra.*” (E 4). A escola é tomada como como espaço social seguro, de descanso, entre o trabalho e o *bonde*. Segundo o jovem E 3:

[...] a gente treina as teg no caderno, durante as aulas. Mostra pros mano, troca ideia. Quem tem letra mais bonita é melhor. Depois picha. E tem batalha de MC.¹⁶ Cada bonde tem que ter seu MC pra representar. Na batalha não tem briga. Quem é MC estuda rima, poesia, essas coisas que a gente viu na escola.

A influência dos *bondes* na escola se estende também para o imaginário dos jovens estudantes mais novos: “[...] *tem os fãs, que são os mais novos, não são de bonde mas querem ser. São esses que picham classe,*

¹⁶ MC é a abreviatura para Mestre de Cerimônia, advinda do vocabulário do Rap.

armário na escola com as teg do bonde, pra mostrar que querem entrar. São sem noção.” (E 1). Muito embora se refiram à escola e aos professores como não fazendo parte do “mundo lá fora”, os jovens entrevistados dedicam um respeito quase mítico à escola e aos professores, conforme falou um dos jovens, referindo-se à Festa Junina que iria acontecer no fim de semana e à possibilidade de os traficantes, ou a gurizada dos *bondes*, comparecerem para brigar e atrapalhar a festa: “[...] *mas a gente respeita a escola. Os cara lá de baixo não vêm fazer folia aqui em cima, tá avisado. E depois todo mundo te considera [diretora], ninguém vai vir zoar a escola contigo aqui.*” Essa consideração à escola e aos professores é ambígua, se observados os comportamentos dos jovens alunos dos *bondes* nas salas de aula da EJA. A escola assume o lugar e o papel de destensionar a pressão do cotidiano, conforme evidenciam as palavras do jovem E 1.

[...] se o dia foi tenso, essa zoeira que a gente faz na escola é pra desestressar. Se a gente quisesse avacalhar mesmo, ninguém segurava. Lá fora é cruel, as ‘sora’ não tem nem ideia... aqui é só uma brincadeira. Não tem que levar a gente tão a sério aqui. (E 1).

A modalidade EJA é frequentada por diversos grupos, com os mais diversos interesses e objetivos. O receio que alguns têm, com a presença dos *bondes* na escola, extrema-se a ponto do tensionamento gerar mais violência. Um policial, em uma visita noturna à escola, manifestou sua posição e a dos seus superiores:

Tem que proteger quem vem para estudar, tem que mostrar que eles [os do bonde] não mandam na escola. Eles dizem que lá fora são bandidos, querem meter medo dentro da escola, e ser bandido aqui dentro. Não tem, vão bater a cabeça aqui. Aqui ou é aluno ou é vagabundo. E vagabundo aqui não tem que se criar.

A reação dos jovens entrevistados segue a mesma proporção, referindo diretamente o preconceito que sofrem: “[...] *tem que estudar, mas é foda. Qualquer coisa que acontece é porque o cara era de bonde. Às vezes nem tem nada a ver e já falam isso. Enche o saco. Mas escola é bom, precisa. Eu digo pro meu irmão mais novo que tem que estudar.*” (E 3). A importância dada à escola aparece na referência ao incentivo dado ao irmão mais novo para estudar, numa espécie de transferência ou prevenção. A escola é tida

como uma alternativa de futuro, mas não encontram uma compreensão por parte dela para suas necessidades e seus anseios. Talvez estejam desenhando uma trajetória de desistência da possibilidade de uma vida melhor, prometida por uma escolarização mais elevada, em contraposição a um conformismo com um presente marginal para si e do sentimento de esperança de um futuro melhor, através das trajetórias dos mais novos e que ainda não entraram nos *bondes*.

4 Grupos juvenis e os bondes: riscos, violência e preconceito

O estudo sobre *bondes* envolve a compreensão dos diferentes modos de a juventude, como categoria social, se constituir nas sociedades complexas. Mais do que uma metáfora de passagem, à juventude associam-se as características do mito como modelo cultural e do estilo de vida. O olhar atento para as novas desigualdades sociais permite observar a convivência com situações controversas: um mundo que os segrega materialmente ao mesmo tempo em que os unifica ideologicamente, tendo na inclusão precária a possibilidade de acesso aos apelos de consumo, porém, em condições desiguais. Um dos jovens refere a questão do consumo do estilo jovem: “[...] *ou o cara trabalha, ou faz um corre, tem que ter dinheiro pra ter as coisas, os pano da hora... não dá muito tempo de pensar no futuro... Às vezes não acontece nada a semana toda, outras vezes é tudo ao mesmo tempo, e tem que resolver.*” (E 3).

Os estudos de Margulis (2003) evidenciam a relação entre juventude e mundo do trabalho, uma vez que os jovens pobres buscam trabalhar para consumir o estilo de vida, o *look* jovem. Em geral, excluídos do ensino regular por processos endógenos e exógenos à escola, voltam aos estudos na EJA para ampliarem as possibilidades de ingressar no mundo do trabalho e garantir os consumos que permitem a conquista do *look* juvenil. No entanto, a falta de condições econômicas, que garantiriam viver uma juventude idealizada, leva os jovens a reinventarem seus cotidianos e suas maneiras de viver a juventude, num contexto de intensa pressão.

Dayrell (2003, p. 41) alerta para a visão romântica sobre a juventude, produzida pelo “florescimento da indústria cultural e de um mercado de consumo dirigido para os jovens” (p. 41) e a visão de juventude como “período de crise, de conflitos com autoestima e personalidade”. O conceito de moratória social gerido por Margulis (1998), como um tempo de postergação para a entrada na vida adulta,

contribui para observar a situação juvenil no interior dos *bondes*, pois os jovens que deles participam compõem práticas que os colocam frente à volatilidade do tempo e à suspensão das responsabilidades, num período marcado pelo risco, os quais balançam entre a experiência e a tragédia, observados nas narrativas do jovem E 3:

Agora que eu levei o tiro, a galera dos bondes toda me apoia. O pessoal da camisa 12 do Inter, que é tudo máfia, bate no ombro e fala que eu sou foda, que representei o bonde, fui baleado e não corri, tomei bala pelo bonde e pelo Rob, que morreu. Eles disseram que vão se vingar, mas não quero nem saber. Disseram que vão matar o cara. Mas não quero saber. Não foi pelo bonde. Foi porque a mãe do Rob pediu pra eu tirar ele de lá. Ele tava bêbado e apavorando, tocando o terror,¹⁷ a galera tava fazendo catraia¹⁸ e se pararam na casa do smurf. Eu fui puxar ele, pra sair dali, e o cara atirou. Bem louco, quatorze tiros. Tinha criança na rua, era de tardinha. Um pegou um tiro em mim e três no Rob. Eu não quero saber de vingança. Vai sobrar pra mim. O cara não devia ter atirado. A galera se passou, jogou pedra na casa dele quando ele saiu pra xingar, também não precisava. Mas tiro é diferente de pedra. E tinha criança na rua. Mas sabe... é engraçado, agora tô mais respeitado ainda. Todo mundo cumprimenta e tal... uma viagem, né? (E 3).

Tomando as considerações de Abromovay (2004, 2010) e de Diógenes (1998), é possível relacionar que a formação dos *bondes* se assemelha às gangues, cuja estrutura micropolítica e a organização hierárquica evidenciam símbolos e estilos próprios, caracterizando o indivíduo e o grupo, diferenciando-os dos demais. Segundo Abramovay,

de um modo geral, esses grupos juvenis trazem marcadamente elementos como a busca por reconhecimento, a exaltação do sentimento de pertença e a aquisição de prestígio. Dentro desse contexto, enfatizam-se, nas dinâmicas entre e intra gangues, valores como coragem, fama e lealdade ao próprio grupo, os quais norteiam a proeminência conferida às identidades[...]. (ABRAMOVAY, 2010, p. 19).

¹⁷ *Tocar o terror* é empregado como sinônimo de incomodar.

¹⁸ *Catraia* significa fazer barulho, tumultuar.

A violência praticada nos *bondes* pode relacionar-se à elaboração de Abramovay (2010, p. 37), como uma forma de outorgar aos participantes dos *bondes* “certa posição social e um modo de situar-se em suas histórias e seus mundos”. Segundo a autora, nos contextos de vida dos jovens de periferia “não há muitas vias de acesso pelas quais obtenham reconhecimento, fama, prazer, adrenalina, autoestima ou poder, no grupo do qual fazem parte, nem nos cenários que circulam”. (ABRAMOVAY, 2010, p. 37). Para ela, as gangues juntam os jovens que “canalizam, então, sua ‘energia juvenil’ – adrenalina, ainda com sinais trocados – para os caminhos da transgressão, vitimizando muitos, em particular os próprios pares”. (ABRAMOVAY, 2010, p. 23).

O conceito de violência desenvolvido por Abramovay (2010) refere que as intervenções transgressoras no espaço urbano é uma forma de demonstração de poder e intimidação. Para a autora, as culturas de violência se traduzem nas relações de violência e poder entre os membros dos grupos, para outros grupos e, também, frente à sociedade e suas instituições. Ela acrescenta que o conceito de violência muda conforme mudam os tempos, considerando que, “na realidade atual, muitos tipos de violência surgem como forma de expressão”.

Pautada em Wieviorka, Abramovay distingue três principais abordagens da violência. A abordagem clássica, tida por funcionalista, em que a “violência é uma conduta de crise” (p. 41) regida pela frustração, sendo reativa. A segunda abordagem trata da violência instrumental, sendo a violência uma “mobilização de recursos” (p. 41), utilizada por atores sociais para atingir um fim. A violência aqui passa a ser um meio para atingir um objetivo e quem a usa o faz de forma consciente. Uma terceira abordagem analisa o vínculo entre cultura e violência, criando um vínculo entre determinadas culturas e a violência.

Em certa medida estas diferentes formas de violência transversalizam os processos de experimentação dos jovens da pesquisa; porém, de modo mais enfático, estão a primeira e a terceira abordagens, associadas às demonstrações de poder sobre os membros do grupo, narradas pelo jovem E 2: “[...] *se eu mando meus piá ficar, eles ficam. Se eu digo pros meus piá não se envolver, eles não vão. Se forem, depois apanham. Tem que aprender a respeitar diretoria.*” A construção de uma cultura de violência perpassa as trajetórias juvenis no interior do *bondes*.

Para o senso comum, os *bondes* são unicamente violentos, uma ameaça as pessoas de bem e, assim, devem ser tratados. O relato de um policial, em visita à escola cenário da pesquisa, fornece indícios do dito anteriormente: “[...] *tem que chamar aqui dentro [da sala da direção da escola] e falar grosso ‘vou te levar pra delegacia e tua mãe vai ter que te buscar lá. Mas até chegar lá tu vai tomar porrada. Vai apanhar. E quero ver tu provar que eu te bati’. É assim que tem que tratar esses chinelos que querem ser de gangue, bonde, trem...*”

Diógenes (1998, p. 55) corrobora Abramovay sobre a violência como construto social que atinge e é utilizada pelos jovens da periferia, dizendo que “talvez a faceta mais peculiar das práticas de violência seja seu caráter difuso, imprevisível, sem ‘lugar’ definido no corpo social. A violência é uma prática que foge do curso presumivelmente disciplinado e estável da ordem social”.

Abramovay (2010) aborda ainda temáticas como a cultura da violência, quando a violência é corriqueira, a lei perde o valor de justiça e cada indivíduo ou grupo passa a dizer o que é ou não justo, sem princípios éticos válidos para todos. Dessa forma, surge um amedrontamento social, a violência vira entidade, gera-se uma sensação social de insegurança e medo. Essa insegurança gerada pela banalização do termo violência parece atingir as famílias, de modo que os pais passam a aceitá-la como inevitável, tanto naquela que atinge seus filhos quanto naquela que é utilizada para defesa, personificando essa necessidade de proteção da e através dela, a violência, na permissão para seus filhos andarem em *bondes*. No relato de um pai de jovem de *bonde*, durante participação de reunião na escola:

É autoproteção. Hoje em dia, tô mais preocupado se o meu filho (aluno de EJA) vai chegar vivo da escola. Aqui no bairro, se um guri de quinze anos anda sozinho pelo bairro, ele tá morto. É autoproteção eles se reunirem em grupo pra se proteger. Se reúnem em uns dez pra ninguém encostar neles. Isso já aconteceu nos Estados Unidos, não que eu concorde, mas eles têm que andar com uns dez nas costas pra se proteger aqui no bairro.

O espaço urbano e a periferia são relacionados por Abramovay com o conceito de estigma territorial. Afirma que ser parte da periferia traz consigo “uma carga simbólica que pesa sobre esses locais, conhecidos e difamados; distorce e distende as relações sociais da vida cotidiana”

(ABRAMOVAY, 2010, p. 45), levando a um preconceito e intolerância que recai sobre a juventude, uma raiva que se justifica generalizando que qualquer jovem da periferia deve ser temido. Dois relatos construídos no campo da pesquisa trazem os ecos dessa estigmatização territorial. O primeiro deles é de uma moradora de um prédio de elite na região central de Caxias do Sul, em uma rua que liga a Catedral e o Parque dos Macaquinhos, dois pontos de encontro dos *bondes*:

Os gritos pareciam urros, coisa de barbárie, gritos de guerra. Se você tivesse ido ontem no centro, ia ter um bom campo de observação. Eles passavam de um lado para o outro, indo para o parque, para a praça, numa gritaria de ameaça, não de bagunça... Fiquei com medo de ir caminhar. Eram 4h da tarde e eu e meu marido desistimos de sair, tamanha era a confusão. Me chamou a atenção um grupo de meninas, umas 15, todas de shortinho. E outro grupo de mais de 10 meninos, todos de camiseta branca, e no centro estava um de camiseta laranja, que parecia ser o líder. Moro no oitavo andar, e vejo lá de cima o vai e vem. Fico impressionada com a movimentação. Vi dois grupos, um de cada lado... se provocando... É um clima de guerra, de tensão... parecem tribos bárbaras, mas urbanas. É muita gente ociosa... era o pessoal dos bairros, dia de passe livre nos ônibus, vem todos para o centro.

Embora a depoente não tenha presenciado nenhuma briga, a diferença entre o “pessoal do bairro” e o “pessoal do centro” fica explícita na narrativa, carregando para os “do bairro” o estigma social de temor aos que vêm da periferia. Um policial, morador de um bairro onde há a formação de um *bonde*, reproduz o mesmo estigma em sua declaração:

A gente não mora no centro, onde ladrãozinho vai roubar fio de cobre e calha de alumínio para vender. Aqui é favela, tem boca de fumo por tudo, tem duas ali embaixo, mais duas ali pra trás. É tráfico mesmo. E essa gurizada se envolve. Quantos morreram ano passado, que eram alunos aqui da EJA? Quantos?

O temor vem aqui revestido pela falta de possibilidades que atinge a juventude da periferia e pela falsa impressão de que no centro tem-se uma proteção, um distanciamento do que só deveria acontecer na periferia: tráfico, violência.

As relações da juventude com a realidade que a cerca ocorrem dentro de um caldo cultural muito mais complexo, ao qual Baudrillard (1985) e Debord (2003) fazem considerações muito relevantes. Baudrillard (1985) coloca o fim do social e do político, do abismo criado pelas massas e seu silêncio irrepresentável, que leva o sistema a uma hiperlógica de si mesmo, expondo-o a sua própria destruição, revelando uma negação pelas massas de qualquer sistema representativo, observando-se assim uma violência irrestrita, sem objetivos ou ideologia, nos colocando frente à constatação de que é nesta sociedade de massas que os jovens buscam uma possibilidade de reinventar sua condição juvenil. Em alguns casos, essa possibilidade aparece que é agarrada pelos jovens:

Eu não saí mais com a gurizada do bonde porque a mãe tava grávida... e também ela proibiu de ir pros jogos [escolares] se eu continuasse com isso de bonde... daí eu queria jogar – tudo: basquete, handebol, futebol e mais o atletismo... e tem que ir pros treinos, e tem jogo o ano todo com a escola. A gurizada do bonde tá sempre aí chamando, mas tem o treino... não dá pra ir junto. Depois tem a Amanda [namorada]... ela também corre, a gente tá junto. Não rolou mais andar com eles... foi fase... (E 3).

Manifestações como as dos *bondes* espelham, talvez, uma falta de possibilidade, essa ilogicidade do social, que não constitui um contra o que lutar, mas sim uma tentativa de achar o espaço de juventude nesse caos e ainda de denunciar a perversidade dessa realidade. Segundo Baudrillard:

É aí que está o verdadeiro problema hoje, nesse afrontamento surdo e inelutável das maiorias silenciosas contra o social que lhes é imposto, nessa hiper-simulação que redobra a simulação e que a extermina a partir de sua própria lógica – não em alguma luta de classe nem no caos molecular das minorias em ruptura de desejo. (BAUDRILLARD, 1985, p. 26).

Declarações destes jovens buscando inimigos, tentando justificar atos de violência através de mais violência e colocando esses atos como necessários ou justos apontam bem para essa desconexão atual a que se refere Baudrillard. Um jovem refere os comportamentos assumidos no interior do *bonde*, os quais geram sentimentos e formas de perceber os participantes: “[...] se o cara tem dinheiro mas é humilde, daí é tranquilo.

Tem um [cara] que tem dinheiro, mas anda com a gente, picha junto, é tri-humilde. Não dá, é os playboy pagando arrogância. Esses a gente não perdoa.” (E 4). O poder é exercido pela força física sem recursos a artefatos do crime: *“A gente não anda armado. Não seria justo, né? Briga mesmo no soco, essas coisas. Às vezes com pedaço de pau, ou pedra. Mas arma quase nunca.”* (E 4). Evidencia-se a oscilação de parâmetros entre certo e errado, a qual reflete o mundo atual, onde nada é estável, leis são dúbias, onde o ditado “dois pesos e duas medidas” aplica-se diariamente ao local onde estes jovens vivem, às condições de acesso a bens sociais da saúde, moradia, educação disponibilizados para eles.

Debord (2003) corrobora as afirmações de Baudrillard (1985), porém adentra para a espetacularização do sistema político e social, no qual o ter e o ser foram substituídos pelo parecer, agravando as relações entre os jovens, suas necessidades e as condições simbólicas de constituição de uma juventude possível dentro de uma sociedade do espetáculo.

O espetáculo apresenta-se como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível. Sua única mensagem é “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. A atitude que ele exige por princípio é aquela aceitação passiva que, na verdade, ele já obteve na medida em que aparece sem réplica, pelo seu monopólio da aparência. (DEBORD, 2003, parágrafo 12).

No afã de pertencer à categoria juventude, que dentro desse espetáculo passa a ser cada vez mais idealizada nas imagens e representações quase cinematográficas, em exigências de ostentação de aparências, os jovens da periferia criam também o seu espetáculo, seus símbolos, passando a constituir uma categoria juvenil acessível somente a eles, os diferenciando e de certa forma igualando aos jovens que não vivem nas periferias fazendo isso, muitas vezes, através da violência. A credencial para o pertencimento ao espetáculo é seguir a liderança. A violência é uma das formas de afirmação mais evidente:

Se chamam os piá pra briga, tem que ir. Se não for é fraco. É na hora da briga que tu mostra que tu é do bonde, que tá junto, que é da família. Os playboy¹⁹ treme quando vê a gente virando a quina.²⁰ Se o piá não quer

¹⁹ *Playboy* palavra utilizada para referir-se a jovens ricos.

²⁰ *Quina* é a abreviatura de esquina.

ir num rolê, até não tem tanto stress... mas se é briga, tem que ir. Não adianta. Brigar traz respeito. Tem que segurar firme quando tem briga.
(E 3).

Noções deslocadas de respeito, família, violência, junto com a necessidade de respeito, de viver riscos e adrenalina, associadas à realidade de pressão e inclusão precária, em que estão vivendo os jovens da pesquisa trazem, para quem está de fora do *bonde*, a impressão de uma falta de direção, de uma dupla noção de justiça, que ecoa em cada narrativa dos jovens entrevistados.

Considerações finais

Não nos deixaríamos queimar por nossas opiniões: não estamos tão seguros delas. Mas, talvez, por podermos ter nossas opiniões e podermos mudá-las. (NIETZSCHE, 1978, p. 150).

Finalizando a pesquisa, sistematizando os seus resultados neste artigo, percebemos que ainda restam mais dúvidas que certezas quanto às vivências destes jovens dentro dos *bondes*, no afã de constituírem-se como jovens plenos. Tateando o território obscurecido pelo preconceito, equilibrando-se entre a tragédia e a experiência, entre a marginalidade e a legalidade, esses jovens vão vivendo ao mesmo tempo necessidades infantis, medos adultos e tentativas adolescentes.

Na tentativa de capturar os ecos produzidos pelas narrativas dos entrevistados em diálogo com interlocutores teóricos e objetivos da pesquisa, percebe-se uma estreita relação entre o contexto de violência, a inclusão precária e pressão do cotidiano a que estão submetidos os jovens alunos da EJA. A participação nos grupos juvenis denominados *bondes* é uma possibilidade de experienciar a juventude.

Compreender a formação e o funcionamento dos *bondes* é fundamental para observar os contextos de EJA e para as múltiplas identidades culturais que adentram as salas de aula e que transitam pelo espaço urbano e da periferia. As incursões dos jovens da EJA pelos grupos de risco constituem tentativas de reinvenção da juventude, consideradas as limitações materiais, em contrapartida aos apelos da sociedade de consumo.

Aproximações entre as trajetórias de fracasso escolar, inclusão precária, violência e pressão do cotidiano, combinadas com a participação nos *bondes* são possibilitadas quando uma postura de escuta sensível procura compreender as trajetórias de vida dos jovens da EJA, dos *bondes*, da periferia.

Há que se ter o cuidado de não vincular todas as atitudes de violência relacionadas com jovens dos centros urbanos aos grupos juvenis de risco, a exemplo dos *bondes*, de modo a não superdimensionar uma identidade juvenil e, em outra via, não negligenciar os rótulos atribuídos e a situação social a que estão submetidos os jovens da periferia. É certo que as instituições de socialização que transversalizaram seus percursos, em algum período, fracassaram ou estiveram ausentes. Entre estas instituições está a família, a escola, o Estado.

Podemos estabelecer três níveis para reflexão, no final desta pesquisa. A primeira, de que constituir-se jovem implica ter acesso a diversas simbologias que compõem o imaginário de ser jovem. Dentre inúmeras questões há que se levar em conta o *correr risco*. Faz parte da juventude andar em grupos, correr riscos, experimentar limites. Os jovens estudantes da EJA, durante as entrevistas, inúmeras vezes utilizaram a palavra respeito, como sinônimo de reconhecimento, diferenciação, valorização da identidade juvenil.

O segundo ponto é quando se ultrapassam os limites da constituição da situação, e a construção da identidade passa a se pautar na subjugação do outro, através da imposição da força, afetando o direito e o espaço do outro, sem levar em conta o que o outro sente, a dor do outro. Isso pode evidenciar comportamentos doentios, em níveis patológicos que requisitam a intervenção de outras ordens que não apenas a repressão, presentes em diversos níveis e classes sociais. Essa falta de limite ganha força nos atos de violência física que alguns dos jovens dos *bondes* praticam.

Um terceiro nível se pauta no cometimento de atos infracionais pelos jovens, em que existe uma legislação penal a ser aplicada. Esses atos decorrem de inúmeros fatores, dentre eles questões psicológicas, sociais, falta de condições financeiras, falha no sistema de justiça. Muito embora esses atos aconteçam dentro dos *bondes*, constituem-se em fatos isolados e não representam os jovens das periferias no geral.

A violência não deve ser vista como algo que não faz parte de nós, que apenas pertence ao outro. Obviamente, ao depararmos-nos com questões graves de agressões físicas, uso de armas, depredação de patrimônio, isso causa espanto, perplexidade, não sabemos como agir. A tendência, nestes casos, é imediatamente procurar os culpados, porque nos colocamos sempre na condição de vítimas.

A questão dos *bondes* é pontual, são alguns jovens em busca de experiências em grupos de risco e nas relações com seus pares. As experiências que permeiam a vida escolar dos jovens da EJA se pautam em ações que, muitas vezes, são decorrência da pressão que esses jovens sofrem e da violência cotidiana a que estão submetidos. Os atos de violência são, sem dúvida, ações bárbaras, atitudes graves e reprováveis. Mas não são as únicas ações que esses jovens praticam nos *bondes*, embora sejam as únicas a ganhar destaque nos jornais locais. É necessário perceber que a constituição da identidade juvenil está fortemente ligada ao pertencimento a grupos juvenis, exaltando sensações de pertença, amizade, apoio e respeito.

É necessário ampliar as reflexões e perceber que, de alguma forma, essas ações de violência praticadas pelos jovens mostram ao mundo adulto algo difícil de visualizar e de aceitar: a violência que atinge o cotidiano dos jovens da periferia é um fato. Uma violência que, muitas vezes, não é somente física, mas psicológica, subjetiva, social, material.

A narrativa do jovem que saiu do *bonde* porque tinha os jogos escolares para se ocupar, ou porque havia a namorada ou a mãe grávida para se preocupar, indica uma potencialidade para o processo de prevenção da violência: os projetos sociais, o fortalecimento da experiência escolar, o trabalho como princípio educativo.

A juventude não está perdida. É preciso direcionamento, limites e oportunidades para os jovens construírem sua identidade de modo saudável, em respeito aos direitos humanos, ao direito à educação, ao direito à aprendizagem e à efetivação do jovem como sujeito legítimo de direitos.

Sou apenas um rapaz latino americano,
apoiado por mais de 50 mil manos.
Sou efeito colateral que o seu sistema fez.
Racionais, capítulo 4. Versículo 3.
(Racionais MC's)

Referências

- ABRAMOVAY, Miriam et al. *Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. Brasília: Garamond, 2004.
- ABRAMOVAY, Miriam et al. *Gangues, gênero e juventudes: donas de rocha e sujeitos cabulosos*. Brasília, Secretaria de Direitos Humanos, 2010.
- BAUDRILLARD, Jean. *À sombra das maiorias silenciosas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. eBooksBrasil.org, 2003.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de educação*, n. 24, set./dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2013.
- DIÓGENES, Glória. *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop*. São Paulo: Annablume, 1998.
- MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. Presentación. In: MARGULIS, Mario et alii. *Juventud, cultura, sexualidad: la dimensión cultural en la afectividad y la sexualidad de los jóvenes de Buenos Aires*. Buenos Aires: Biblos, 2003. p. 11-21.
- _____. La construcción social de la condición de la juventud. In: CUBIDES; TOSCANO; VALDERRAMA, (Ed.). *Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Santafé de Bogotá: Fundación Universidad Central; Paidós, 1998. p. 3-21.
- MARTINS, José de Sousa. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 2003.
- MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Young*, Estocolmo, v. 4, n. 2, p. 3-14, 1996.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Obras incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção os Pensadores).
- STECANELA, Nilda. Intérpretes de si: narrativas identitárias de jovens em conflito com a lei. *Linhas críticas*. Brasília, n. 36, p. 299-318, maio/ago. 2012.
- _____. *Jovens e cotidiano: trânsitos pelas culturas juvenis e pela escola da vida*. Caxias do Sul: Educs, 2010a.
- _____. Reflexões teóricas sobre o conceito de juventude: entre o que se tem dito e o que se vê no cotidiano. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL – ANPED SUL 2010, 8., 2010b, Londrina. *Anais...* Londrina, 2010. p. 1-15.

_____. Retratos de um percurso: o cotidiano como fonte de pesquisa. In: GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi; COSTA, Giseli Paim (Org.). *Experiências de quem pesquisa: reflexões e percursos*. Caxias do Sul: Educs, 2010c, p. 117-152.

Submetido em 6 de abril de 2014.
Aprovado em 21 de abril de 2014.